

A DESCONSTRUÇÃO DA JORNADA DO HERÓI: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM DEAN WINCHESTER NA SÉRIE SUPERNATURAL

Maria Marline Constantino da Silva¹

Resumo:

Este artigo analisa a desconstrução da Jornada do Herói, conceito formulado por Joseph Campbell, na série *Supernatural*, com foco na trajetória do personagem Dean Winchester. A pesquisa fundamenta-se na articulação entre o monomito, padrão narrativo descrito por Campbell (2007), sua adaptação para o audiovisual e os arquétipos da psicologia analítica de Jung (2008). A partir de uma abordagem qualitativa e analítica, são analisados três episódios centrais Pilot (S01E01), The Executioner's Song (S10E14) e Carry On (S15E20) a fim de identificar rupturas estruturais na jornada do personagem. Os resultados demonstram que Dean não alcança a transformação nem o retorno com o "elixir" previstos no modelo campbelliano, permanecendo preso a ciclos de sacrifício, trauma e estagnação emocional. Conclui-se que Dean Winchester encarna um modelo de heroísmo pósmoderno, marcado pela vulnerabilidade, fragmentação psicológica e ausência de redenção, evidenciando a ressignificação de estruturas heroicas clássicas nas narrativas seriadas contemporâneas.

Palavras-chave: Arquétipos. Dean Winchester. Jornada do Herói. *Supernatural*.

Abstract:

This article analyzes the deconstruction of the Hero's Journey, a concept formulated by Joseph Campbell, in the series *Supernatural*, focusing on the trajectory of the character Dean Winchester. The research is based on the articulation between the monomyth, a narrative pattern described by Campbell (2007), its adaptation to audiovisual media, and the archetypes of Jung's analytical psychology (2008). Using a qualitative and analytical approach, three central episodes Pilot (S01E01), The Executioner's Song (S10E14), and Carry On (S15E20) are analyzed in order to identify structural ruptures in the character's journey. The results demonstrate that Dean does not achieve the transformation or return with the "elixir" predicted in the Campbellian model, remaining trapped in cycles of sacrifice, trauma, and emotional stagnation. It can be concluded that Dean Winchester embodies a postmodern model of heroism, marked by vulnerability, psychological fragmentation, and a lack of redemption, highlighting the reinterpretation of classic heroic structures in contemporary serial narratives.

Keywords: Archetypes. Dean Winchester. Hero's Journey. *Supernatural*.

¹ Graduanda do curso de Letras Língua Inglesa, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

1 INTRODUÇÃO

A Jornada do Herói, ou monomito, é um modelo narrativo universal que permeia desde os mitos mais antigos até as produções contemporâneas. Formulada por Joseph Campbell em sua obra clássica *O Herói de Mil Faces* (2007), essa estrutura propõe um padrão cíclico de Separação, Iniciação e Retorno. Nesse percurso, o herói se aventura para fora do seu mundo comum, enfrenta provações decisivas e retorna transformado, munido de um "elixir", um conhecimento, uma benção ou a descoberta do autoconhecimento, para beneficiar a sociedade. Essa transformação e o regresso com o benefício são os pilares éticos e estruturais do modelo campbelliano.

No entanto, o cenário audiovisual contemporâneo tem desafiado essa estrutura linear e redentora. Como observa Mittell (2015) em *Complex TV: A Poética da Narrativa Televisiva Contemporânea*², as séries televisivas modernas empregam uma complexidade narrativa que rompe com as formas tradicionais e criam estruturas híbridas, reflexivas e envolventes. Essa complexidade abre espaço para a representação de protagonistas ambíguos, trágicos e psicologicamente fragmentados.

É neste contexto de complexidade narrativa que se insere *Supernatural*, série estadunidense de fantasia sombria e terror exibida entre 2005 e 2020. A narrativa acompanha os irmãos Dean e Sam Winchester, caçadores de criaturas sobrenaturais, cujo ofício os prende a um ciclo interminável de sacrifício. Dentro desse universo, destaca-se a trajetória de Dean Winchester, um personagem cuja construção rompe de forma dramática com o monomito proposto por Campbell, propondo um novo olhar sobre o heroísmo contemporâneo.

Este estudo tem por objetivo analisar de que forma Dean Winchester subverte a Jornada do Herói na série *Supernatural*. Propõe-se a identificar os principais elementos do monomito em seu desenvolvimento, comparar seu percurso com a estrutura heroica tradicional e discutir as implicações narrativas dessa subversão, examinando os efeitos da desconstrução sobre a formação de sua identidade.

Adotou-se uma abordagem qualitativa, exploratória e analítica, utilizando a articulação entre Campbell (2007), Vogler (2006) e a psicologia analítica de Jung

² Complex TV: The Poetics of Contemporary Television Storytelling

(2008) como base teórica. O corpus é composto pelos episódios “Pilot” (S01E01), “The Executioner’s Song” (S10E14) e “Carry On” (S15E20), selecionados por representarem momentos cruciais de ruptura e fechamento de ciclo na trajetória do personagem. A análise foca no mapeamento dos arquétipos e na comparação entre a trajetória cíclica e fragmentada de Dean e o modelo linear e transformador do monomito. A pesquisa visa contribuir para os estudos de narrativa e cultura pop ao evidenciar como estruturas clássicas são ressignificadas em produções seriadas contemporâneas.

2 JORNADA DO HERÓI

A Jornada do Herói, também conhecida como monomito, constitui uma das estruturas narrativas mais influentes para a análise de mitos, contos e produções audiovisuais. Desenvolvida por Joseph Campbell e apresentada de forma sistemática na obra *O Herói de Mil Faces* publicada no ano de 1949, a teoria propõe que grande parte das narrativas heroicas compartilha um padrão estrutural comum, recorrente em diferentes culturas e períodos históricos.

Segundo Campbell (2007, p. 30), o monomito pode ser descrito como “a aventura de um herói que parte do mundo cotidiano, enfrenta forças sobrenaturais e retorna com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”. O autor parte do pressuposto de que a experiência humana se organiza por meio de símbolos e arquétipos universais, conceito que dialoga diretamente com Jung (2008, p. 42), para quem “os arquétipos constituem formas a priori de percepção e representação herdadas do inconsciente coletivo”.

Campbell (2007) organiza a jornada em três grandes fases: partida, iniciação e retorno, compostas por doze etapas principais: (1) o Chamado da Aventura, em que o herói é convocado a abandonar seu mundo comum; (2) a Recusa do Chamado, marcada pela hesitação inicial; (3) o Encontro com o Mentor, figura que oferece orientação ou proteção; (4) a Travessia do Primeiro Limiar, quando o herói ingressa no mundo especial; (5) Provas, Aliados e Inimigos, fase de adaptação e enfrentamento de desafios; (6) Aproximação da Caverna Oculta, momento de preparação para uma provação central; (7) a Provação, que representa o confronto mais intenso; (8) a Recompensa, obtida após superar o desafio; (9) o Caminho de Volta, em que o herói

se compromete a retornar ao mundo comum; (10) a Ressurreição, simbolizando uma transformação final; (11) o Retorno com o Elixir, quando leva consigo o conhecimento adquirido; e (12) a reintegração ao seu mundo, agora transformado.

Assim, o conceito da jornada do herói fornece uma estrutura analítica abrangente para compreender o desenvolvimento narrativo de protagonistas em diferentes contextos culturais e midiáticos. Ao identificar padrões universais de transformação e superação, o modelo de Campbell revela como os mitos antigos continuam a ecoar nas produções contemporâneas, assumindo novas formas e significados. No caso de *Supernatural*, a trajetória de Dean Winchester exemplifica a atualização do arquétipo heroico em um cenário moderno, no qual o conflito entre dever, identidade e sacrifício ganha dimensões existenciais e simbólicas. Desse modo, compreender as doze etapas do monomito permite analisar não apenas o percurso externo do herói, mas também sua jornada interior, marcada por dilemas morais e pela busca constante de sentido.

3 A ADAPTAÇÃO DE CHRISTOPHER VOGLER

Christopher Vogler (2006), em *A Jornada do Escritor*, reelabora a teoria de Campbell para atender às demandas do audiovisual e da escrita criativa contemporânea. Sua proposta é mais pragmática, sugerindo que as etapas do monomito funcionam como pontos de virada narrativos, mas sem a obrigatoriedade de seguirem uma ordem rígida.

A Jornada do Herói é uma armação, um esqueleto, que deve ser preenchido com os detalhes e surpresas de cada história individual. A estrutura não deve chamar a atenção, nem deve ser seguida com rigidez demais. A ordem dos estágios que citamos aqui é apenas uma das variações possíveis. Alguns podem ser eliminados, outros podem ser acrescentados. Podem ser embaralhados. Nada disso faz com que percam seu poder. (Vogler, 2006, p. 47)

Vogler (2006) apresenta uma sistematização dos principais arquétipos narrativos ao propor oito funções dramáticas recorrentes nas histórias:

1. O Herói: Figura central, responsável por vivenciar o processo de transformação.
2. O Mentor: Orienta e prepara o protagonista.
3. O Guardião do Limiar: Testa o herói em momentos decisivos de transição.
4. O Arauto: Anuncia a aventura e desencadeia a mudança.

5. O Camaleão: Personagem marcado pela ambiguidade e pela oscilação de motivações.
6. A Sombra: Encarna a força de oposição ou os aspectos reprimidos do próprio herói.
7. O Aliado: Oferece suporte ao longo da jornada.
8. O Pícaro (Trickster): Introduz humor ou ruptura, desestabilizando a narrativa de maneira estratégica.

Vogler (2006) enfatiza que o herói deve vivenciar transformações internas progressivas, ancoradas em arquétipos como o Mentor, o Guardião do Limiar e a Sombra, que desempenham papéis essenciais na criação de tensão dramática e no desenvolvimento emocional da narrativa.

4 OS ARQUÉTIPOS DE JUNG

Para Jung (2008, p. 42), os arquétipos são “formas ou imagens de natureza coletiva que ocorrem praticamente em toda parte como constituintes de mitos e, ao mesmo tempo, como produtos individuais de origem inconsciente”. Esses padrões universais servem como base simbólica para a criação de personagens na literatura, no cinema e nas séries, pois expressam dimensões profundas da experiência humana.

Assim, ao construir personagens, o autor acessa o inconsciente coletivo, produzindo figuras que o público reconhece intuitivamente. Campbell (2007), em *O Herói de Mil Faces*, mostra que esses arquétipos estão presentes na trajetória do herói, cuja jornada representa o processo de transformação interior do ser humano. Vogler (2006) reelabora essa teoria para o contexto audiovisual, demonstrando como os arquétipos funcionam como papéis narrativos, o Herói (protagonista que vivencia a mudança), o Mentor (figura que orienta e prepara o herói), a Sombra (força de oposição que representa conflitos internos ou externos), o Arauto (quem anuncia a mudança e dá início à jornada), entre outros que se combinam para estruturar a narrativa e dar profundidade psicológica aos personagens. Já Seger (2010) e McKee (1997) defendem que um personagem eficaz nasce do equilíbrio entre o universal e o singular, em que o arquétipo fornece o alicerce simbólico e os traços individuais garantem originalidade e autenticidade. Desse modo, a teoria dos arquétipos, aplicada à narrativa moderna, permite compreender como figuras simbólicas ancestrais

continuam a inspirar a construção de personagens marcantes em obras literárias, cinematográficas e seriadas.

Jung (2008) enfatiza que o enfrentamento da Sombra é um passo essencial no processo de individuação, pois implica a integração de forças opostas que compõem a totalidade psíquica do indivíduo.

5 SUPERNATURAL

Exibida entre 2005 e 2020, *Supernatural* é uma série de televisão estadunidense criada por Eric Kripke e produzida pela Warner Bros. Television. Ao longo de quinze temporadas, a narrativa acompanha os irmãos Dean e Sam Winchester, caçadores de criaturas sobrenaturais que percorrem os Estados Unidos enfrentando demônios, fantasmas, anjos e outras entidades místicas.

A produção combina elementos de drama, fantasia sombria, atividade paranormal e terror psicológico, construindo uma atmosfera híbrida que alterna entre episódios autônomos e arcos narrativos complexos. Estes, por sua vez, exploram dilemas existenciais, relações familiares e questões metafísicas, ampliando o potencial interpretativo da trama e inserindo a obra no panorama da complexidade narrativa contemporânea.

Com 15 temporadas e 327 episódios, *Supernatural* consolidou-se como um fenômeno cultural e uma das produções mais longevas do gênero terror na televisão americana. Sua excepcional duração e estabilidade incluindo a notável sobrevivência à temida Friday Night Death Slot são amplamente atribuídas à intensa e fiel comunidade de fãs, a #SPNFamily. O engajamento massivo dessa base de fãs, manifestado em convenções internacionais, produção de fanfiction e interação contínua nas redes sociais (TV Insider, 2024; The Independent, 2014), permitiu que a série fosse além das métricas tradicionais de audiência (ZUBERNIS, 2014; LARSEN, 2011; MUELLER, 2022). A produção evidenciou uma estabilidade expressiva de audiência em suas temporadas iniciais, elemento que favoreceu sua longevidade e a consolidação de uma comunidade de espectadores amplamente engajada.

Esse tipo de engajamento evidencia, conforme Jenkins (2009, p. 31), como narrativas seriadas podem transcender o consumo passivo, tornando-se plataformas para produção de significados coletivos e participação ativa do público:

Os consumidores estão aprendendo a usar as diferentes tecnologias de mídia para reunir informações dispersas, a se unir uns aos outros de novas maneiras e a exercer poder coletivo maior do que nunca sobre os mercados de mídia e a cultura popular (JENKINS, 2009, p. 31).

Além de seu impacto cultural, *Supernatural* se destaca pela complexidade psicológica e moral atribuída a seus personagens, especialmente Dean Winchester. A série constrói um protagonista marcado por traumas, responsabilidades familiares e conflitos éticos constantes, o que tensiona a figura tradicional do Herói e revela camadas de vulnerabilidade e ambivalência. Esse tratamento narrativo permite observar como a ficção televisiva contemporânea utiliza elementos do horror, da fantasia e do drama para problematizar a noção clássica de heroísmo (MITTELL, 2015), tornando Dean um caso exemplar de desconstrução do arquétipo heroico. Assim, a escolha da série como objeto de análise se justifica não apenas por dialogar com o monomito, mas por evidenciar como esse modelo pode ser reinterpretado a partir de dilemas emocionais, relações familiares e questões identitárias próprias da contemporaneidade.

6 DEAN WINCHESTER E A SUBVERSSÃO DO MONOMITO

A trajetória de Dean Winchester, protagonista da série *Supernatural*, evidencia uma desconstrução significativa do modelo clássico da Jornada do Herói, formulado por Campbell (2007) e adaptado ao audiovisual por Vogler (2006). Diferentemente do herói tradicional, como Luke Skywalker, personagem central de *Star Wars*, cuja trajetória segue um percurso de aprendizado, superação e culmina em redenção, Dean vivencia ciclos repetidos de perda, sacrifício e fracasso, comprometendo a promessa de transcendência inerente ao monomito. Luke Skywalker é apresentado como uma das figuras centrais da franquia *Star Wars*, criada por George Lucas e originalmente lançada em 1977. O personagem é acompanhado desde sua juventude em um planeta periférico até sua atuação como agente decisivo na resistência ao regime autoritário denominado Império Galáctico. A série cinematográfica, ambientada em um universo de ficção científica que articula conflitos políticos, elementos míticos e disputas interplanetárias, consolidou-se como um dos mais influentes produtos culturais da história do cinema.

Segundo Campbell (1990), os mitos cumprem a função de orientar os indivíduos na busca por significado existencial, oferecendo narrativas que atribuem sentido às experiências humanas e legitimam o heroísmo como caminho de transcendência. No entanto, em narrativas contemporâneas como *Supernatural*, esse sentido é tensionado ou mesmo negado, revelando uma crise moderna do mito.

Em *Supernatural*, essa desconstrução manifesta-se intensamente na trajetória de Dean Winchester, cuja vida subverte a lógica de transformação do herói tradicional. Dean não avança rumo a um estado elevado de consciência; ao contrário, é continuamente devolvido a ciclos de morte, sacrifício e culpa, presos a um padrão que ele próprio reconhece como destrutivo. Sua armadilha emocional é construída desde a infância, quando seu pai John Winchester lhe impõe o papel de guardião do irmão, resumido na ordem que marca sua identidade: “Leve seu irmão para fora. E não olhe para trás.” (S01E01)³. Dean internaliza essa missão a ponto de o aprisionar em um modelo de heroísmo autodestrutivo: “É meu trabalho mantê-lo em segurança.” (S02E01)⁴. Paralelamente, o plano do sagrado surge esvaziado: Deus (Chuck) se revela manipulador ao declarar “Eu escrevo a história, vocês interpretam seus papéis.” (S15E17)⁵, desfazendo qualquer promessa de sentido divino. Assim, o heroísmo de Dean reduz-se ao cotidiano sem glória da caça, sintetizado na máxima “Salvar pessoas, caçar coisas. O negócio da família.” (S01E01)⁶, que expressa não uma missão transcendente, mas um fardo emocional que perpetua seu ciclo de auto sacrifício.

Essa fragmentação da figura heroica é característica das produções complexas e dialoga com a cultura da convergência, onde os modelos simbólicos ancestrais são revisitados e questionados. Augoustakis e Raucci (2018) notam que a ficção contemporânea evidencia a “fragmentação da figura heroica” e a ascensão do anti-herói como reflexo da crise dos ideais de pureza moral. De modo semelhante, Clouse e Kushner (2024) observam que o heroísmo midiático atual se caracteriza por ambiguidades e pela coexistência de mundos “sem heróis”. Nesse contexto, Dean

³ “Take your brother outside. And don’t look back.” (S01E01).

⁴ “It’s my job to keep him safe.” (S02E01).

⁵ “I write the story, you play your roles.” (S15E17).

⁶ “Saving people, hunting things. The family business.” (S01E01).

Winchester encarna um paradigma heroico marcado por contradições e pela ausência de fechamento redentor, revelando um deslocamento simbólico do mito clássico para o herói cotidiano e imperfeito da cultura de massa.

6.1 Episódio Pilot (S01E01)

O episódio “Pilot” de *Supernatural* (KRIPKE, 2005) estabelece o “mundo comum” de Dean Winchester, apresentando-o como um indivíduo moldado por um passado de traumas e responsabilidades herdadas. Desde o início, Dean é retratado como alguém profundamente vinculado à figura paterna, John Winchester, cuja autoridade e obsessão pela caça moldam a identidade do filho. Essa relação inicial configura o primeiro estágio da Jornada do Herói de Campbell (2007) o “mundo ordinário”, no qual o protagonista é apresentado dentro de um ambiente de estabilidade relativa, antes da ruptura provocada pelo “chamado à aventura”.

No entanto, diferentemente do modelo campbelliano clássico, Dean não vivencia um chamado voltado ao autodescobrimento ou à transformação espiritual, mas sim um retorno compulsório a uma vida que ele nunca escolheu. O desaparecimento do pai funciona como o gatilho narrativo que o impulsiona à ação, mas esse chamado não é aceito de forma consciente ou libertadora por Dean que demonstra resistência às mudanças e forte apego ao papel de protetor de Sam, evidenciando uma inversão do arquétipo tradicional do herói: em vez de buscar transcendência individual, ele se define pela manutenção de laços afetivos e pela recusa em romper com o passado. Essa postura está diretamente ligada à dinâmica familiar estabelecida entre os irmãos, marcada por uma diferença de idade de quatro anos e por um desequilíbrio profundo de responsabilidades. Desde criança, Dean assume para si funções parentais alimentadas pela ordem do pai de “cuidar do Sam”, o que transforma o vínculo fraternal em uma relação assimétrica, mais próxima de pai e filho do que de irmãos. Enquanto Sam cresce desejando autonomia e questionando o legado da caça, Dean estrutura sua identidade inteiramente em torno da proteção do caçula, naturalizando o sacrifício pessoal como dever absoluto. Essa configuração emocional reforça seu apego ao passado e intensifica sua dificuldade de romper com padrões autodestrutivos, afastando-o cada vez mais do modelo de herói que busca evolução e conduzindo-o a um ciclo repetitivo de culpa, responsabilidade e abnegação.

Vogler (2006) afirma que o herói, ao aceitar a jornada, deve ultrapassar o “primeiro limiar” e abrir-se à transformação. Contudo, no caso de Dean, esse limiar é atravessado não por escolha, mas por necessidade. Sua lealdade à família e seu senso de dever o colocam em constante conflito com sua própria vontade, sugerindo que sua “recusa ao chamado” não ocorre antes da jornada, mas o acompanha de maneira cíclica. Assim, o “Pilot” estabelece o padrão de comportamento do personagem: um herói relutante, preso ao papel que o destino lhe impõe, mais próximo de um anti-herói do que de um salvador clássico.

6.2 Episódio *The Executioner’s Song* (S10E14)

O episódio “*The Executioner’s Song*” (S10E14) representa um dos momentos mais complexos da trajetória de Dean, no qual a “Sombra”, conceito junguiano (JUNG, 2008), manifesta-se de forma literal e simbólica. Nesse ponto da narrativa, Dean carrega a Marca de Caim um símbolo de poder e maldição que o consome progressivamente, levando-o a confrontar seus próprios impulsos destrutivos. Essa configuração corresponde à etapa campbelliana da “provação”, em que o herói enfrenta o desafio central que põe à prova sua essência.

A Marca funciona como um arquétipo de corrupção, uma força interior que transforma Dean em reflexo de seus inimigos. O herói, tradicionalmente guiado por valores éticos, é agora dominado pela violência e pela culpa. Jung (2008) aponta que o enfrentamento da Sombra é um passo essencial no processo de individuação, pois ela representa os aspectos reprimidos da psique que precisam ser integrados à consciência. No caso de Dean, essa integração é constantemente frustrada, pois a narrativa insiste em sua fragmentação moral. Ele reconhece sua escuridão, mas não a domina e é simultaneamente vítima e agente de sua própria ruína.

Como observa Mittell (2015), “narrativas complexas apresentam personagens cujo posicionamento moral é frequentemente ambíguo e mutável” (p. 144)⁷, característica que define a construção de Dean Winchester em *Supernatural*. O personagem encarna a crise do herói moderno, alinhando-se ao que Mittell descreve como

⁷ “Complex narratives present characters whose moral positioning is often ambiguous and shifting” (p. 144).

protagonistas “não simplesmente admiráveis, mas profundamente conflituosos” (2015, p. 155). Essa ambivalência se intensifica quando Dean recebe a Marca de Caim, elemento que subverte diretamente o “elixir” campbelliano. Em vez de oferecer sabedoria ou benefício ao coletivo, a Marca opera como instrumento de deterioração moral: “Não é uma bênção. É uma maldição” (SUPERNATURAL, 2014, S09E11)⁸, declara Dean, reconhecendo seu caráter destrutivo. Crowley reforça essa inversão ao afirmar que “A Marca de Caim é um fardo que só a morte pode aliviar” (SUPERNATURAL, 2014, S09E11)⁹, anulando a possibilidade de transformação redentora. Como sintetiza Hassler-Forest (2016), “A fantasia contemporânea frequentemente reaproveita estruturas míticas tradicionais para expor as fraturas psicológicas e políticas da subjetividade moderna” (p. 22)¹⁰, e é exatamente isso que ocorre com Dean, cuja jornada não conduz à iluminação, mas à perpetuação de seu conflito interno e ao aprofundamento de sua fragmentação emocional.

6.3 Episódio Carry On (S15E20)

O episódio final, “Carry On” (S15E20), encerra o arco narrativo de Dean Winchester de modo antitético à jornada do herói clássico. Campbell (2007) descreve o “Retorno com o Elixir” como a etapa em que o herói retorna ao mundo comum trazendo um bem conquistado que deve ser compartilhado com a comunidade. Como afirma o autor, “O herói retorna dessa misteriosa aventura com o poder de conceder benefícios aos seus semelhantes.” (CAMPBELL, 2007, p. 30), e esse retorno simboliza não apenas reintegração, mas restauração, “A dádiva que ele traz restaura o mundo” (CAMPBELL, 2007, p. 167). Em *Supernatural*, entretanto, essa lógica é inteiramente subvertida. Dean não retorna transformado nem obtém qualquer elixir capaz de gerar cura ou renovação; ao contrário, sua jornada permanece presa a ciclos de perda, culpa e auto sacrifício. Sua morte final não representa triunfo ou apoteose, mas apenas libertação de um sofrimento contínuo. Desse modo, Dean não cumpre a etapa

⁸ “It’s not a blessing. It’s a curse” (SUPERNATURAL, 2014, S09E11).

⁹ “The Mark of Cain is a burden that only death can lift” (SUPERNATURAL, 2014, S09E11).

¹⁰ “Contemporary fantasy frequently repurposes traditional mythic structures to expose the psychological and political fractures of modern subjectivity” (p. 22).

conclusiva do monomito ele não retorna ao mundo comum, mas o abandona evidenciando a desconstrução da estrutura heróica campbelliana.

A morte de Dean é desprovida de glória ou transcendência. Ele não perece em uma batalha decisiva, não salva o mundo e tampouco alcança redenção espiritual; ao contrário, morre de forma banal, empalado durante uma caçada rotineira a vampiros exatamente o tipo de confronto comum que marcou toda a sua vida. Essa aparente anticlimaticidade não constitui uma falha narrativa, mas a desconstrução do monomito campbelliano: em vez de conduzir o herói à apoteose ou ao “Retorno com o Elixir”, momento no qual o protagonista, transformado, retorna ao mundo comum para transmitir sabedoria e restaurar a ordem, a série o leva à aceitação da própria finitude. Dean não retorna, não transforma e não restaura; sua morte não oferece benefício simbólico algum, rompendo a promessa de sentido que sustenta a jornada heróica tradicional. O momento da morte evidencia essa subversão de modo íntimo e doloroso: ferido fatalmente, Dean abandona o impulso de resistir e reconhece, pela primeira vez, o peso das responsabilidades que carregou durante toda a vida, pedindo a Sam que o deixe partir “Preciso que você me diga que está tudo bem” (S15E20)¹¹. Essa entrega, marcada por serenidade e cansaço, confirma a leitura de Vogler (2006), segundo a qual a verdadeira transformação do herói ocorre quando ele reconhece sua vulnerabilidade e mortalidade embora, no caso de Dean, esse reconhecimento não produza transcendência, mas liberação do ciclo repetitivo de dor e sacrifício que o definiu. A cena final no Céu reforça essa ruptura: Dean surge dirigindo o Impala por um espaço amplo e silencioso, um paraíso desprovido de espetacularidade ou apoteose, simbolizando descanso e não glorificação. Ao reencontrar Sam, o gesto não representa o retorno com o elixir, mas o encerramento definitivo da jornada heroica. Privado do clímax mítico, Dean encerra sua trajetória não com coroação, mas com o fim e é precisamente nesse gesto que reside a crítica mais contundente à estrutura campbelliana, pois *Supernatural* desmonta a ideia de que todo sofrimento conduz a um sentido maior. A morte de Dean, portanto, constitui a negação radical do destino mítico: ele não transcende, apenas cessa a luta e abraça a finitude.

¹¹ “I need you to tell me it's okay” (S15E20).

Mittell (2015) observa que as séries televisivas contemporâneas desafiam o fechamento narrativo clássico, optando por finais ambíguos que refletem a complexidade da experiência humana. “Carry On” exemplifica essa tendência ao substituir a glória pela simplicidade, a eternidade pela aceitação. Dean não é o herói que retorna com o elixir, mas aquele que, ao falhar, humaniza o mito, um eco pós-moderno do herói que se desfaz de sua aura sagrada para tornar-se símbolo de vulnerabilidade.

6.4 A Jornada Cíclica e os Espelhos Arquetípicos

A trajetória de Dean Winchester se estrutura como um movimento circular, que impede o avanço transformador e o mantém preso às próprias fissuras psicológicas. Essa circularidade, segundo Jung (2008), reflete o movimento da psique que busca equilíbrio entre forças opostas, sem necessariamente alcançar a síntese. Em *Supernatural*, o ciclo de morte, ressurreição e perda de Dean reproduz um padrão arquetípico de repetição que desafia a linearidade do monomito campbelliano.

Cada retorno de Dean do mundo dos mortos reafirma o fracasso da transformação definitiva, evidenciando a impossibilidade de um “retorno com o elixir”. Em vez de renovar-se, ele reitera suas falhas, ecoando o herói trágico clássico, mas sem a catarse libertadora. Conforme Santaella (2003), o herói pós-moderno emerge como sujeito híbrido, ambíguo e destituído de certezas transcendentais. Dean Winchester sintetiza essa condição: ele é simultaneamente protetor e destruidor, humano e mítico, cínico e devoto.

7 O GÊNERO TERROR E A RESSIGNIFICAÇÃO DO HEROÍSMO

O gênero terror, amplamente explorado em *Supernatural*, opera como mediador simbólico da desconstrução heroica. Ao incorporar elementos do horror sobrenatural e psicológico, a série transforma o herói em objeto de angústia e questionamento. Campbell (2007) observa que o mito serve para reconciliar o homem com o mistério da existência, o terror, ao contrário, expõe esse mistério sem resolvê-lo, revelando o abismo entre o humano e o transcendental. Assim, o terror torna-se o espaço da dúvida, onde o herói é confrontado não por monstros externos, mas pelos monstros internos que habitam sua própria psique.

Em *Supernatural*, o terror ultrapassa a função estritamente estética e converte-se em uma linguagem simbólica que materializa conflitos psíquicos profundos. Conforme argumenta Jung (2008), as imagens arquetípicas emergem do inconsciente coletivo como expressões de medos universais, ressoando emocionalmente porque representam conteúdos reprimidos da psique humana. Nesse sentido, os demônios e criaturas enfrentadas por Dean Winchester operam como metáforas diretas de seus traumas mais íntimos: a perda traumática da mãe, a ausência paterna e a culpa visceral pelo sofrimento constante do irmão. O terror, portanto, não funciona apenas como gênero narrativo, mas como espelho psicológico que externaliza as sombras do personagem, permitindo que o espectador visualize suas angústias internas de forma simbólica e recorrente.

A construção de Dean Winchester incorpora elementos característicos do horror psicológico, uma vez que sua coragem está permanentemente entrelaçada ao medo, à depressão e à autodestruição. A sua vulnerabilidade não é acidental, mas componente fundamental da narrativa. Dyer (1997) observa que a cultura midiática contemporânea privilegia personagens ambíguos e emocionalmente complexos, capazes de gerar empatia justamente por sua falibilidade. Dean rompe, assim, com a figura tradicional do herói invencível, assumindo-se como sujeito fragilizado e emocionalmente marcado por uma representação que reflete as inquietações do espectador moderno, para quem a fragilidade não diminui o heroísmo, mas o torna mais verossímil e humano. Sua força, desse modo, coexiste com sua dor, e é dessa tensão que emerge sua dimensão trágica.

O uso do terror em *Supernatural* também funciona como mecanismo de ruptura com a lógica do monomito campbelliano. Para Campbell (2007), o herói é definido pela capacidade de enfrentar o desconhecido, superá-lo e retornar vitorioso ao mundo comum, trazendo consigo o “elixir” transformador. No entanto, na trajetória de Dean Winchester, o desconhecido não é superado, ele retorna, se multiplica e persiste como força inevitável. Cada vitória é temporária, provisória e sempre anulada por novos perigos, enquanto cada derrota evidencia a impotência humana diante do mal cósmico. Dessa forma, o terror impede a conclusão clássica do ciclo heróico: não há retorno triunfante, porque o mundo narrativo não comporta uma salvação definitiva. A ausência de fechamento converte a jornada em resistência contínua, redefinindo o

heroísmo não como superação, mas como enfrentamento incessante e consciente da derrota possível.

CONCLUSÃO

A trajetória de Dean Winchester em *Supernatural* evidencia uma desconstrução consistente da Jornada do Herói delineada por Campbell. Em vez de cumprir um percurso linear rumo à transformação e ao retorno com o elixir, o personagem permanece preso a ciclos contínuos de sacrifício e perda, impossibilitando qualquer forma de transcendência. Sua narrativa não progride, mas se repete, reforçando fraturas psíquicas e dilemas afetivos que resultam em estagnação emocional. Assim, Dean se afasta do modelo heroico clássico e aproxima-se de um paradigma contemporâneo marcado pela vulnerabilidade, pela falibilidade e pela ausência de reconciliação com o próprio destino narrativo.

Observa que Dean representa um herói incapaz de integrar sua própria sombra, projetando-a no mundo externo por meio dos monstros e ameaças que enfrenta. A Marca de Caim simboliza essa cisão interna ao evidenciar seu impulso autodestrutivo e a impossibilidade de equilíbrio psíquico. Conforme apontam Mittell (2015) e Vogler (2006), esse tipo de construção se alinha às narrativas seriadas complexas, nas quais protagonistas moralmente ambíguos tensionam as estruturas heroicas tradicionais. O vínculo com Sam reforça essa dinâmica, pois a relação fraterna, permeada por culpa e responsabilidade, impede a emancipação individual de Dean e mantém sua identidade condicionada ao outro.

O terror, enquanto linguagem simbólica central da série, intensifica essa desconstrução ao apresentar ameaças que nunca são definitivamente superadas, rompendo com a lógica campbelliana do enfrentamento seguido de retorno vitorioso. As criaturas enfrentadas por Dean materializam seus conflitos internos e impedem qualquer fechamento narrativo. Nesse contexto, o herói não alcança a etapa final do monomito, pois o universo diegético não permite a produção ou a transmissão do elixir.

A morte de Dean sintetiza essa ruptura. Longe de um clímax mítico, ele morre em um confronto comum com vampiros, gesto que rejeita a apoteose heroica e evidencia a banalidade da condição humana. Seu pedido a Sam “Preciso que você me

diga que está tudo bem” (S15E20)¹² revela a dimensão trágica de sua jornada, marcada pela aceitação da própria vulnerabilidade. Sua presença posterior no Céu não representa consagração, mas suspensão: sem elixir e sem retorno ao mundo comum, o ciclo heroico se encerra não por triunfo, mas por esgotamento.

Conclui-se, portanto, que Dean Winchester não reatualiza o monomito, mas o desarticula. Sua trajetória evidencia os limites do modelo heroico clássico diante de uma narrativa que privilegia a vulnerabilidade humana, a ambiguidade moral e a ausência de resoluções definitivas. Em Dean, o heroísmo não se define pela transcendência, mas pela persistência em um mundo que não oferece sentido último nem promessa de redenção. Assim, *Supernatural* propõe uma revisão crítica da figura heroica ao deslocar o foco da vitória para a resistência, transformando o herói em testemunho das tensões e contradições da subjetividade contemporânea.

¹² “I need you to tell me it’s okay” (S15E20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGOUSTAKIS, Anton; RAUCCI, Susan (Orgs.). ***Epic Heroes on Screen***. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018.
- BOOTH, Paul. ***Digital Fandom 2.0: New Media Studies***. New York: Peter Lang, 2016.
- CAMPBELL, Joseph. ***O herói de mil faces***. São Paulo: Cultrix, 2007.
- CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. ***O poder do mito***. Tradução de Carlos Felipe Moisés. 12. ed. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CLOUSE, R.; KUSHNER, D. ***Understanding Antiheroes in Contemporary Media***. New York: Routledge, 2024.
- DIFFRACTIONS. ***Fan Culture: Theory/Practice***. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2022.
- DYER, Richard. ***White: Essays on Race and Culture***. London: Routledge, 1997.
- HASSLER-FOREST, Dan. ***Science Fiction, Fantasy and Politics: Transmedia World-building Beyond Capitalism***. London: Rowman & Littlefield, 2016.
- JENKINS, Henry. ***Cultura da Convergência: A colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação***. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- JUNG, Carl Gustav. ***Os arquétipos e o inconsciente coletivo***. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KRIPKE, Eric. ***Supernatural***. Série de TV. The WB/The CW, 2005–2020.
- MARTIN, Brett. ***Difíceis de matar: A ascensão dos anti-heróis na TV***. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- McKEE, Robert. ***Story: Substance, Structure, Style, and the Principles of Screenwriting***. New York: ReganBooks, 1997.
- MILLER, Hannah. ***The Politics of Fandom: Conflicts That Divide Communities***. Jefferson, NC: McFarland, 2022.
- MITTELL, Jason. ***Complex TV: The Poetics of Contemporary Television Storytelling***. New York: New York University Press, 2015.
- NIELSEN RATINGS. ***Supernatural – ratings overview***. 2020.
- RADWAY, Janice. ***Reading the Romance: Women, Patriarchy, and Popular Literature***. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

SANTAELLA, Lucia. ***Culturas e artes do pós-humano***. São Paulo: Paulus, 2003.

SEGER, Linda. ***Como escrever um roteiro: A arte e a técnica de escrever para cinema e televisão***. São Paulo: Summus, 2010.

THE INDEPENDENT. ***Why Supernatural still matters***. 2014.

TV INSIDER. ***Supernatural: series finale reactions***. 2024.

VOGLER, Christopher. ***A jornada do escritor: Estruturas míticas para escritores***. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2006.

ZUBERNIS, Lynn; LARSEN, Katherine. ***Fandom at the Crossroads: Celebration, Shame, and Fan/Producer Relationships***. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2011.

ZUBERNIS, Lynn; LARSEN, Katherine. ***Fan Phenomena: Supernatural***. Bristol: Intellect Books, 2014.

FILMOGRAFIA

SUPERNATURAL. Criação: Eric Kripke. Estados Unidos: Warner Bros. Television, 2005–2020.

Episódios analisados: *Pilot* (2005); *The Executioner's Song* (2015); *Carry On* (2020).